

POTENCIALIDADES DE PERVERSÃO NOS ADOLESCENTE

In: *Adolescentes: uma abordagem multidisciplinar*. Malagutti, W.; Bergo, A. (orgs.) São Paulo: Martinari, pp. 207-214, 2009

1. Considerações iniciais

Embora não seja o objetivo deste trabalho debater sobre *perversão*, o que já foi feito anteriormente (Ceccarelli, 2005 & Ceccarelli, Reis Santos, 2008), cabe lembrar que, em sua origem, a palavra *perversão* - *perversio* em latim - define a *ação de perverter*, de *transformar em mal*. Dai, a idéia de *depravação*, *corrupção*: perversão dos costumes, do gosto; um ato perverso, um conselho perverso... Do ponto de vista psicológico, a perversão caracteriza um “desvio da norma” causado por problemas psíquicos. Mas, é na esfera do sexual que o substantivo é mais usado quando se quer designar práticas e atos que escapam à sexualidade dita “natural”: a união de dois órgãos sexuais diferentes para a reprodução da espécie. Nesta perspectiva, na medida em que se atribui uma finalidade à sexualidade humana, toda prática que desvia desta finalidade é considerada perversa: masturbação, heterossexualidade separado da procriação, homossexualidade, sodomia, pedofilia... Por sua vez, a noção de uma sexualidade normal, natural, cujo desvio, a depravação (*pravus*), é “contra a natureza” deriva-se da concepção teológica de Natureza (*physis*), que sustenta a existência de inclinações naturais nas coisas, o que abre inúmeras discussões.

2. Perversão: conceitos

Neste texto, utilizaremos *perversão* no sentido que Freud dá ao termo: “exclusividade e fixação” da libido em uma única forma de prazer (Freud, 1905, p. 164). É importante ressaltar, ainda, que a natureza do objeto que satisfará a libido é o que menos conta. Além disso, como a dinâmica libidinal que rege as escolhas de objeto são inconscientes, nunca sabemos porque nos sentimos interpelados por um objeto, e igualmente, porque, aparentemente sem razão, a atração exercida pelo objeto cessa, as vezes repentinamente. No sentido mais amplo do termo, seguimos a posição de Elisabeth Roudinesco para quem a “perversão é um fenômeno sexual, político, social, físico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas”. (Roudinesco, 2007, p. 15). Vemos, então, que potencialidades de perversão todos temos: "A se tratar cada homem segundo seu merecimento, quem escapará do açoite?" (Hamlet, ato II). O que faz do sujeito um perverso é a “tentativa de impor a imaginação erótica a um outro que não consentisse nisso ou que não fosse responsável" (McDougall, 1997, p. 192).

A sexualidade do ser humano tem um ritmo e uma história que lhes são próprios. Seu desenrolar começa antes no nascimento da criança e está relacionada com o lugar que ela ocupa no imaginário e na economia libidinal daqueles que lhe darão vida psíquica. Após o nascimento, começa a construção da psicosexualidade, que é um processo marcado por intensos movimentos pulsionais. A maneira como cada um atravessará as etapas necessárias à construção desta psicosexualidade varia significativamente de acordo com o investimento libidinal suscitado pelas primeiras etapas, as pré-genitais, dos caminhos pulsionais. Estas etapas marcarão, igualmente, a forma com que cada um terá contato com a sua própria sexualidade. É importante lembrar que, para a psicanálise, a sexualidade inclui todo tipo de prazer não se limitando à sexualidade genital. E como *prazer* significa descarga da tensão pulsional, pode acontecer que mesmo em situações que causam sofrimento para o sujeito, no masoquismo por exemplo, a descarga pulsional - a diminuição da tensão interna - esteja acontecendo. Assim, ainda que a sexualidade comece logo após o nascimento, a apreensão das primeiras excitações prazerosas, logo sexuais, que a criança tem do corpo, não corresponde à leitura que o adulto faz dessa sexualidade. A criança é, sem dúvida, inocente, pois nesta fase de descoberta do corpo próprio, não existe (ainda) nenhuma razão para evitar a exploração libidinal de certas partes desse corpo. É o adulto que, apoiado na maneira que ele mesmo vivenciou o despertar de sua própria sexualidade, dará às descobertas infantis conotações tais como culpa, prazer, proibição, pecado...

A puberdade introduzirá mudanças que darão à sexualidade infantil sua configuração definitiva. Dito de outra forma, a vida sexual do adulto tem estreitas relações com as formas de prazer experimentadas na infância. Quanto às “escolhas sexuais” - tanto na vertente heterossexual como na homossexual - elas recaem sobre objetos que guardam traços, a maioria deles inconsciente, dos primeiros objetos significativos da infância: “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (Freud, 1905, 229). Tudo se passando bem, o adolescente será capaz de estabelecer relações sexuais/afetivas satisfatórias, com conflitos suportáveis. É importante lembrar que vivenciar a sexualidade de forma satisfatória não significa, necessariamente, ter uma prática sexual genital mas, antes, lidar com a própria sexualidade de forma não neurótica, com um nível de angústia não sintomático. É, por exemplo, o caso de um sujeito que tenha optado por uma abstinência sexual sem que uma tal abstinência se constitua uma defesa (neurótica) contra moções pulsionais insuportáveis. Pela mesma razão, uma vida sexual excessiva que, dependendo do contexto social, será altamente valorizada pode, na verdade, relevar-se um sintoma defensivo contra fantasias sexuais angustiantes. Entrevemos aqui, as consequências (perversas) daquilo que podemos chamar de *estimulações excessivas*.

Embora ninguém esteja totalmente ao abrigo das influências do mundo externo, os jovens são particularmente susceptíveis a tais influências, pois é no período da adolescência que ocorrem a separação e o luto dos modelos familiares, e a subsequente busca de novas referências identificatórias. Trata-se da renúncia, culturalmente necessária, dos primeiros objetos de amor para que novas relações afetivas/sexuais se estabeleçam. Concomitante ao recalque das fantasias incestuosas, sobrevém uma das mais significativas e dolorosas realizações psíquicas da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais responsável pela oposição, capital para a continuidade do processo cultural, entre a nova e a velha geração. Pode acontecer, entretanto, que o sujeito nunca abandone totalmente a autoridade dos pais e nem lhes retire a ternura, o que trará repercussões em suas futuras relações objetais. Junta-se a isto, a perda do corpo infantil e o contado com o *novo corpo*, fonte de sensações desconhecidas, às vezes prazerosas, às vezes ameaçadoras, proibidas ou até pecaminosas. Além disso, é a puberdade que marcará, de forma definitiva, as diferenças entre os caracteres masculinos e femininos que exercerão, a partir daí uma das maiores influências no futuro do sujeito. (Freud, 1905).

Ao mesmo tempo, quanto maior for a *dependência psíquica* entre o jovem e aqueles com quem convive, mais dificuldades ele encontrará para separar-se destes modelos e, posteriormente, encontrar novos objetos identificatórios. Chamo de *dependência psíquica* a situação na qual, até a adolescência, a relação da criança como os pais¹ e, reciprocamente, a dos pais com a criança vinha sendo marcada por uma configuração psíquica particular cujo resultado foi uma rigidez no que diz respeito aos movimentos pulsionais: no imaginário dos pais o jovem sempre ocupou um lugar destinado a reparar feridas narcísicas, muitas vezes em ressonância com uma problemática transgeracional. Em alguns casos, crescer pode significar, para os pais, perder a criança que tanto desejaram; para a criança, a ameaça de perda do amor dos pais pois, crescendo, ela não responde mais ao desejo deles. Quando isso ocorre, fica muito difícil, às vezes impossível, investir novos objetos em detrimento dos antigos (Freud, 1917).

1 Embora "pais" seja ainda a palavra mais usada, venho cada vez mais utilizando expressões como *aqueles que acolhem a criança no mundo*, *aqueles que recebem a criança no mundo*, ou ainda *aqueles que cuidam do recém-nascido*. Tais expressões descrevem melhor as organizações familiares da atualidade Conf.: CECCARELLI, P. R., "Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação", in *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XV, 161, 88-98, set. 2002; CECCARELLI, P. R., "Violência simbólica e organizações familiares" in *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*, Féres-Carneiro, T; (org.) Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio, p. 266-277, 2005; CECCARELLI, P. R., "Novas organizações familiares: mitos e verdades", in *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 40(72): 89-102, jun. 2007.

Ainda que casos extremos ocorram, na grande maioria das vezes o adolescente acaba por separar-se dos pais e viver sua própria vida. De qualquer forma, todo este processo, que não se dá dentro de uma cronologia rígida, é complicado e doloroso. As brigas entre adolescentes e pais testemunham bem esta etapa: são as “brigas de amor”, presentes em toda relação afetiva, necessárias para que uma forma de relacionamento termine e outra se instale. É, também, na adolescência que o/a jovem construirá sua maneira particular de ler o mundo. Acontece, muitas vezes, que suas “verdades”, em completa oposição com as de seus pais, produza uma crise entre eles. Para muitos pais, a nova “leitura do mundo” trazido pelo jovem revela-se intolerável, pois os obriga a repensar, senão a abandonar, todo aquilo que, até então, era tido como "natural" e "imutável" e que lhes servia de referência para se locomoverem no simbólico. O insuportável deste confronto é que ele revela o caráter imaginário de nossas verdades. Isto pode provocar, nos pais, questionamentos do tipo “onde foi que erramos?”; nos filhos, os eternos questionamentos: quem somos? de onde viemos? para onde vamos? para que serve estudar? e outros tantos.

Os fatores que podem levar a uma adolescência sofrida, tanto do ponto de vista físico quanto psicológico, não podem ser repertoriados de forma exaustiva e conclusiva, pois dependem, por um lado, da dinâmica psíquica do adolescente - o que podemos chamar de fatores internos - e, por outro lado, do contexto sócio-cultural no qual ele se encontra inserido - os fatores externos. Isto significa que cada caso é um caso, pois embora os problemas apresentados possam, na sua forma externa, apresentarem semelhanças evidentes, suas causas primeiras divergem enormemente devido à dinâmica psíquica que lhes deram origem.

3. Televisão: fator externo no processo de separação dos familiares

Neste trabalho, gostaria de aprofundar uma discussão, que venho fazendo há alguns anos, sobre a utilização que o/a jovem pode fazer da mídia, em particular da televisão, como fator externo no processo de separação dos modelos familiares que até então serviam-lhe, como vimos, de instrumentos de leitura do mundo. Muitas vezes, entretanto, os modelos propostos podem provocar efeitos perversos geradores de estimulações excessivas.

O primeiro ponto a ser considerado é a entrada da criança no mundo: fazer parte da cultura, ser reconhecido como sujeito, ou seja, participar de um espaço de interação social com suas demandas e ofertas, satisfações e frustrações, tudo isto é o resultado de um processo que implica limites e obrigações. Qualquer arranjo social exige de seus membros renúncias pulsionais para que a vida em

sociedade seja possível (Freud, 1929). Ao mesmo tempo, para que este frágil pacto social seja mantido, a sociedade - o Estado, a Comunidade... - deve oferecer a seus membros satisfações substitutivas sem as quais ocorreria um recrudescimento da frustração, oriunda da exigência de renúncia pulsional, que poderia conduzir à “perigosas revoltas” (Freud, 1929, 23). Ao mesmo tempo, nenhum tipo de satisfação, por melhor que ela seja, será capaz compensar a renúncia pulsional exigida pelo processo civilizatório. E, mais ainda: quanto maior a distância entre a renúncia (da satisfação) e a “indenização” compensatória, maior será a frustração. A tensão entre a renúncia e a indenização determina o grau do mal-estar inerente ao ser humano. Nosso cotidiano é repleto de situações que exemplificam bem esta configuração social. Como escrevi em um trabalho anterior (Ceccarelli, 2001),

A inexistência de satisfações substitutivas às moções pulsionais recalçadas, assim como falta de limites ou o excesso de satisfação, podem gerar violência ou atos de delinqüência. A frustração oriunda de tendências pulsionais recalçadas faz com que o psiquismo procure outras formas de descarga de energia como é o caso de alguns comportamentos anti-sociais.

Vemos, então, que, para o ser humano, o nascimento inaugura o longo processo que, diga-se de passagem, nunca terminará, de “educação pulsional” (Freud, 1933), que o permitirá suportar as exigências impostas pela sociedade na qual o sujeito se encontra inserido. Os que acolhem o bebê no mundo são os primeiros representantes sócio-culturais aos quais a criança terá acesso. Através deles e, num segundo momento, através do grupo mais amplo no qual ela está inserida, a criança vai adquirir os elementos de informação sobre o sistema simbólico relativo a sociedade à qual pertence. É este sistema que lhe transmitirá os códigos e comportamento e condutas - as referências de gênero - aos quais, como menina ou menino, ele/ela deverá submeter-se, assim como os valores ético-morais relativos à cultura na qual ela está inserida.

Como vimos, a puberdade é o momento de grandes mudanças corporais, e os apelos sexuais que o/a jovem experimenta são-lhe, num primeiro momento, estranhos e não raro ele/ela não sabe como respondê-los. Os pais, por mais bem intencionados e dispostos a ajudar seus filhos nesta fase de transição têm, muitas vezes, dificuldades, pois sentem-se interpelados em sua própria sexualidade fazendo com o que o diálogo aberto entre pais e filhos se transforme, sem muita dificuldade, em “cenas de sedução”, pois os protagonistas não estão imunes ao retorno de desejos incestuosos recalçados e proibidos geradores de culpa e inibições. Neste sentido, defendo a hipótese que embora a chamada “revolução sexual” dos anos 60s tenha propiciado uma grande liberdade para se falar em sexualidade, a *desrepressão* (da sexualidade), operada pela revolução, não foi acompanhada de um *desrecalcamento* da mesma: estamos lidando com variáveis que afetem regiões diferentes psíquicas, e

que devem ser tratadas diferentemente. Ou seja, de um lado temos a repressão sexual e, do outro lado, o recalçamento da sexualidade. A primeira diz respeito ao sistema de valores que sustenta a moral vigente, logo, construções sócio-históricas passíveis de mudanças. A segunda, afeta a constituição mesma do ser humano, sendo a condição própria para a existência da civilização, pois nos impõe, como vimos, a renúncia pulsional obrigando-nos a abandonar nossos primeiros objetos sexuais.

Pelas mais diversas razões, pode acontecer que a criança não encontre, no ambiente próximo, os elementos necessários para criar as referências identificatórias que lhe permitirão referenciar-se no mundo. Na falta dessas referências, a criança buscará em outros lugares os elementos para apoiar-se na constituição de seu psiquismo. Um dos locais de fácil acesso destes elementos é a mídia e, em particular, a televisão.

Não é por acaso que dentre as inúmeras referências identificatórias que a TV oferece, as que dizem respeito à sexualidade são, sem dúvida, os que alcançam os mais elevados pontos de audiência entre os jovens. Por um lado, isto é bastante compreensível: em nossa sociedade, apesar de tantos progressos e aquisições, a sexualidade é ainda um dos maiores tabus. É por isto que os programas de “educação sexual” nas escolas estarão fadados ao fracasso, enquanto não levarem em conta que qualquer tentativa de “falar de sexo”, e isto em qualquer nível que se queira abordar a questão, tem necessariamente que levar em conta a dimensão fantasmática da sexualidade, pois a informação objetiva pouco altera os aspectos afetivos do problema (Ceccarelli, 2008).

É interessante observar as performances sexuais estereotipadas que são veiculadas em algumas transmissões televisivas - filmes, novelas (algumas direcionadas para o público jovem), programas ditos informativos e/ou educativos, programas de auditório apresentados à tarde - nos quais o sexo é discutido abertamente e isto, muitas vezes, com a participação de especialistas: psicólogos, psicanalistas, sexólogos, pedagogos, psiquiatras, e outros tantos.

Não se leva em conta, entretanto, que a maneira como o/a adolescente reagirá àquilo que está sendo exibido, ou explicado, dependerá, já o dissemos, dos elementos inconscientes constitutivos de sua psicosexualidade. E é aí que constatamos o que pode ser chamado de *efeitos perversos*. Alguns destes programas utilizam de toda a tecnologia de persuasão para sugerir ou mesmo impor, ainda que de forma sutil, comportamentos sexuais sem falhas (voltamos à definição de perversão: a imposição

da fantasia erótica). Ignora-se, entretanto, que não existe uma prática sexual única aplicável a todos, pois sendo a sexualidade um mosaico escalonado em diferentes registros, contendo prazeres diversos, múltiplos e por vezes inconciliáveis, cada um responderá a partir da dimensão fantasmática de sua sexualidade. O perverso deste procedimento é a banalização da sexualidade, ou seja, tratá-la a partir dos modelos, como se ela pudesse ser igual para todos. Esse “igual é ditado pelas regras do consumo que criam padrões de comportamento e de performances sexuais, dando ao jovem a ilusão de pertencer a um grupo. Em outras situações, este estado de coisas poder gerar o que chamei de *estimulações excessivas*: a impossibilidade de responder às “soluções” oferecidas pela mídia, pode produzir conseqüências desastrosas, quando o/a jovem sente-se discriminado, senão perdido, devido ao descompasso com estes modelos e sua realidade interna.

Frente à distância entre as possibilidades internas e o mostrado na mídia, as soluções são várias. Talvez o “ficar”, palavra que expressa uma modalidade de relação muito freqüente na atualidade, seja uma delas. Naturalmente, as dinâmicas psíquicas que produzem o “ficar” variam. Mas, em alguns casos, o “ficar” traduz um esvaziamento do afeto na relação, o que serve para evitar o contato com conteúdos psíquicos proibidos geradores, ao mesmo tempo, de culpa e prazer. O recurso às drogas, sobretudo ao álcool, alguns movimentos anti-sociais dos adolescentes são expedientes bastante comuns para amortecer tensões internas.

4. Considerações finais

Toda leitura do mundo que se defina como verdadeira é perversa por propor-se como a única leitura possível do real. A realidade criada pela mídia pode, pela mesma razão, produzir este efeito (perverso). Acrescenta-se a isto que, com raras exceções, o que é exibido segue normas rígidas do mercado em acordo com interesses econômicos, sem levar em conta que as referências de comportamento e de consumo propostas podem estar em completa contradição com realidades sócio-econômicas daqueles para quem elas são endereçadas.

Paulo Roberto Ceccarelli*

*Psicólogo; psicanalista; Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris VII; Pós-doutor por Paris VII, Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Professor Adjunto IV no Departamento de Psicologia da PUC-MG. Professor e orientador de pesquisas do mestrado de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor e orientador de pesquisas na pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Sócio do Circulo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Sócio fundador

do Circulo Psicanalítico do Pará (CPPA). Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne*, Paris, França.

e-mail: paulorcbh@mac.com

Homepage: www.ceccarelli.psc.br

BIBLIOGRAFIA

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Delinquência: resposta a um social patológico**. In: Boletim de Novidades da Livraria Pulsional. ano XIV, 145, 5-13, maio, 2001.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Perversão e suas versões**. In: Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, ano XXVII, 52, 43-50, 2005.

CECCARELLI, Paulo Roberto. REIS SANTOS, Bruno. **Perversão sexual, ética e clínica psicanalítica**. (No prelo)

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Políticas públicas e sexualidade**. (No prelo)

FREUD, Sigmund (1917). **Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise, conf. XXIII**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVI, 1976.

FREUD, Sigmund (1929). **O mal-estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, 1974.

FREUD, Sigmund (1929). **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, 1974.

FREUD, Sigmund (1933), **Explicações, aplicações e orientações**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII, 1976.

McDOUGALL, Joyce. **As múltiplas faces de Eros**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

ROUDINESCO, Elisabeth. **La part obscure de nous-même. Une histoire des pervers**. Paris : Editions Albin Michel, 2007.